



LEVANTAMENTO FLORÍSTICO NA ZONA DE AMORTECIMENTO DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE RIBEIRÃO PRETO (SP) - PROJETO CONEXÃO VERDE.

Elenice Mouro Varanda - Dep. Biologia/FFCLRP/USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil. CEEFLORUSP (Centro de Estudos e Extensão Florestal da USP/RP) emvarand@ffclrp.usp.br;

Valéria Maria Melleiro Gimenez – CEEFLORUSP(Centro de Estudos e Extensão Florestal da USP/RP). José Ricardo Barosela Dep. Biologia/FFCLRP/USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil. CEEFLORUSP (Centro de Estudos e Extensão Florestal da USP/RP). Cleide de Oliveira - Fundação Florestal, SMA/SP

INTRODUÇÃO

A Floresta Atlântica atingiu o status de hotspot para a conservação da biodiversidade global ao alcançar níveis alarmantes de perda de habitat – cerca de 93% (Myers *et al.* 2000). O Estado de São Paulo, nos últimos 40 anos teve sua expansão calcada na ampliação das fronteiras agrícolas e entre os anos de 50 e 80, com o incremento da metropolização das cidades (Joly & Bicudo, 1997), o que contribuiu para a destruição dos ecossistemas naturais. A floresta estacional semidecidual encontra-se hoje na forma de pequenas ilhas e, em Ribeirão Preto, com um histórico de ocupação semelhante ao de todo o estado, só restou 3,89% de cobertura vegetal original. O remanescente de floresta estacional semidecidual mais importante do município é a Mata de Santa Tereza com 150ha da Estação Ecológica de Ribeirão Preto (EERP) e mais cerca de 30ha em propriedades privadas (Kotchetkoff-Henriques 2005). A EERP é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral localizada na região nordeste do Estado de São Paulo. A Zona de Amortecimento (ZA) abrange as microbacias dos Córregos da Serraria e do Horto, e constitui importante área de ligação entre alguns fragmentos e nascentes e, a área natural protegida, com 70% de sua extensão em área de expansão urbana. Com o propósito de restabelecer a conectividade ecológica entre estas áreas, foi idealizado o Projeto Conexão Verde que busca através da atualização do conhecimento já existente, indicar estratégias para preservar as áreas do entorno da EERP que fazem parte da ZA. Para isso, inventários florísticos e faunísticos foram realizados com o objetivo de revelar a real diversidade presente na área.

OBJETIVOS

O presente estudo teve como objetivo realizar o levantamento florístico na Zona de Amortecimento da EERP, descrever as fitofisionomias enfatizando o grau de conservação, estágios de sucessão ecológica e fragmentação dos remanescentes de vegetação nativa.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado o levantamento expedito das espécies arbóreas ocorrentes através de caminhadas na borda dos fragmentos e em trilhas de cerca de setenta metros, percorridas no sentido borda-centro. A maioria das espécies foi

identificada em campo e o material botânico coletado foi depositado no herbário (SPFR) do Departamento de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP.

RESULTADOS

O levantamento florístico resultou em uma lista de 138 espécies distribuídas em 93 gêneros e 49 famílias em que prevalece a dispersão zoocórica (42%) em relação à anemocórica (20,3%). As famílias com maior riqueza foram Meliaceae, Fabaceae, Rutaceae e Euphorbiaceae e as espécies mais frequentes foram *Guaira guidoni* (L.) Sleumer, *Thichila catigua* A. Juss., *Acacia polyphylla* DC. *Galesia jasminiflora* Spreng., *Metrodorea nigra* A.ST.-Hil., *Hymnaea courbaril* L., *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan, *Esenbeckia leiocarpa* Engl. Em relação às classes sucessionais, revelou a ocorrência de 17,4% de espécies pioneiras, 30,5% de secundárias iniciais, 9,5% de secundárias tardias, 3,6% de climácicas e 21,7% não classificadas. É intensa a presença de espécies invasoras, exóticas e gramíneas, entre as quais *Brachiaria decumbens* Stapf., *Tecoma stans* Juss., *Paspalum notatum* Schum. e *Pennisetum purpureum* Schum. são abundantes.

DISCUSSÃO

A área do presente estudo situa-se em região de “tensão ecológica”, caracterizando-se como um mosaico de vegetação de cerrado e mata estacional. Da vegetação original de restam remanescentes isolados na forma de fragmentos, ainda preservados devido a sua localização em topografias inadequadas para o desenvolvimento agrícola-pastoril (Kronka *et al.*, 1998). A matriz da paisagem é agrícola, onde fragmentos de vegetação secundária, bastante alterada, com acentuado efeito de borda, resulta em um conjunto vegetacional com diferentes graus de conservação. Fabaceae é a família com maior número de espécies comuns, seguida por Meliaceae e Euphorbiaceae. Há quatro nascentes desprotegidas de vegetação e maciços em adiantado grau de sucessão secundária, com espécimes em condições de fornecerem sementes, tornando-se matrizes. A distância entre os fragmentos varia entre 800m a 1700m e sugere-se a formação de corredores ecológicos, primeiramente através da recomposição das APPs. A dominância da dispersão zoocórica poderá ser um fator facilitador para a instalação desses corredores. A viabilidade da Z. A. está relacionada ao controle das gramíneas invasoras como forma de atenuar os efeitos deletérios da competição ocasionada por elas, recuperação do solo nas áreas de pasto, adensamento com espécies nativas de ocorrência rara na Estação Ecológica para diminuir a probabilidade de extinções.

CONCLUSÃO

A ZA (EERP) constitui-se de pequenos fragmentos em diferentes níveis de degradação, influenciando na riqueza, nas categorias de sucessão e dispersão. É comprometedor a intensidade do efeito de borda. A conexão dos fragmentos deve ser priorizadas para promover o adensamento e enriquecimento dessas áreas, além do controle das gramíneas e espécies invasoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JOLY, C.A.; BICUDO, M.C.W. 1997 Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil. Infra-estrutura para a Conservação da Biodiversidade. FAPESP.v.7. 150p.
- KOTCHETKOFF-HENRIQUES, O.; JOLY, C.A.; BERNACCI, L.C. 2005. Relação entre o solo e a composição florística de remanescentes de vegetação natural no município de Ribeirão Preto, S.P. Revista Brasileira de Botânica. v. 28, p. 541-562.
- KRONKA, F.J.N., NALON, M.A.; MATSUKUMA, C.K.; PAVÃO, M.; GUILLARD, J.R.; CAVALLI, A.G.; GUINNOTTI, E.; YWANE, M.S.S.I.; LIMA, L.M.P.R.; MONTES, J.; DEL CALI, I.H.; HAACK, P.G. 1998. Áreas de domínio de cerrado no Estado de São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente, São Paulo. S.P.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B. & KENT, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. Nature 403: 853-85

Agradecimento